

*Yasmin Viana Ribeiro de Almeida
Isabelle Pessanha Barroso
Isabela Carvalho da Silva*

A IMPLICAÇÃO COMO FORÇA INOVADORA NA EDUCAÇÃO: (RE)INVENÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE DURANTE A PANDEMIA DE 2020

Papel, caneta, máquina de escrever, mimeógrafo, quadro de giz, quadro branco, data show, projetor, lousa digital, e, mais atualmente, Google Meet, Zoom, WhatsApp etc. Esses são alguns dos dispositivos tecnológicos usados pela educação. Dos dispositivos mais complexos e sofisticados aos mais simples, eles fazem parte do contexto educativo.

A inovação como constante está presente atualmente não só na educação, mas em todos os aspectos da vida cotidiana. Experiências podem ir desde um simples apoio para celular feito com canos¹, até a utilização de mesas digitalizadoras para aulas de Matemática². Somos, como educadores, sempre compelidos à implicação de forma a melhorar a prática docente e torná-la mais possível dentro do currículo-formativo. Essa implicação não se finda apenas na racionalidade, ou seja, a partir do objetivo prático da técnica, mas também a partir das motivações e subjetividades que permeiam o cotidiano.

1Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=EBFBeu5mgsg>> Acesso em 19 de out. 2020

2 Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=kWQcPy_pLeE> Acesso em 19 de out. 2020

Figura 1 - Suporte de Mesa para Celular feito com cano PVC



Fonte: canal do Youtube Jubinha teclas³

Implicar-se é inerente ao ser humano e, mais que isso, é não ser neutro, visto que somos movidos por intenções e interesses múltiplos e inconstantes. Dessa forma, o uso dos dispositivos diversos pela Educação vai para além do tecnológico, da técnica, da forma de usar ou organizar. Para Macedo (2015, p. 735), “trata-se de um posicionamento político-epistemológico e pedagógico que já faz parte de um processo de re-existência”.

Com a cibercultura, esse contexto contemporâneo mediado pelas redes de informação, percebemos um cenário múltiplo e complexo, com uma diversidade de dispositivos e, mais que isso, possibilidades de apropriações e desvios. As relações são em rede e, para Santos (2019), são nessas relações que dinâmicas e processos são articulados nos ‘*espaçotempos*⁴’ de formação. Assim, na cibercultura, o aluno, o professor, o corpo escolar como um todo é usuário de dispositivos

³ Vídeo Suporte de mesa para Kindle e Celular feito de cano PVC (2017, 0:21) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EBFBeu5mqsg> Acessado em: 06 Nov. 2020.

⁴ Adotamos o uso dos termos *espaçotempos* e *dentrofora*, e outros escritos juntos devido à inspiração no referencial teórico de Alves (2008) sobre as pesquisas nos/dos/com os cotidianos. Para a autora: “A junção de termos e a sua inversão, em alguns casos, quanto ao modo como são ‘normalmente’ enunciados, nos pareceu, há algum tempo, a forma de mostrar os limites para as pesquisas nos/dos/com os cotidianos, do modo dicotomizado criado pela ciência moderna para analisar a sociedade” (Alves, 2008, p.11).

tecnológicos '*dentrofora*' do contexto educativo e este pode ultrapassar as barreiras físicas e ser vivenciado em todos os '*espaçotempos*'.

Com o início da pandemia do COVID 19, no ano de 2020, o uso dos dispositivos tecnológicos na educação e no cotidiano se mostrou em evidência. Home office, aulas remotas, síncrona, assíncrona, EAD, Moodle, Google Meet, AVA, todas essas palavras entraram no nosso vocabulário imediatamente.

Foram diversos recursos e formas de agir e vivenciar o espaço escolar que emergiram e a criação de dispositivos educativos se tornou, de forma evidente, uma função do professor. De forma abrupta professores do mundo inteiro tiveram que se alfabetizar digitalmente, ou seja, aprender a utilizar muitas das possibilidades existentes nas redes.

São inúmeros casos onde a educação teve que se reinventar a partir dos usos dos dispositivos tecnológicos⁵. Diante desse cenário novo e repentino da pandemia é importante frisar que ninguém havia se preparado para enfrentá-lo. Os professores, então, contaram com sua criatividade para suprir as necessidades de seus alunos e alunas, seja no ensino a distância sem o uso das tecnologias ou com o uso de tecnologias de forma remota.

Foi necessário, portanto, muita implicação docente neste momento pandêmico. Quando pensamos a partir do conceito de implicação, essa utilização dos dispositivos, que se tornou prática comum, não deve se limitar apenas a sua técnica e, sim, ser integradora e subjetiva ao que emana do cotidiano. Um professor implicado entende a subjetividade dos alunos e recria usos através de dispositivos comuns e cotidianos.

Dessa forma, não faltam exemplos das práticas que se demonstraram implicadas. A matéria de Umbelino e Rios (2020) do Correio Braziliense compilou algumas boas práticas que emergiram na pandemia e são exemplos de implicação. Na matéria online, os exemplos vão desde Web recital de clarineta até projetos de alfabetização virtual.

⁵ Alguns exemplos através do link: <https://bityli.com/GWpJA>. Acesso em 19 de out. 2020.

Com eles se demonstram como a educação vai para além do uso de dispositivos, além da técnica, além do conteúdo. Educar deve ser visto, também, como ato de amor, compaixão e reflexão o que nos remetemos a Freire (1999, p.97) que afirma que: "a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa".

Assim, discentes e docentes são constantemente impelidos a reescreverem o futuro da educação a partir de sua implicação e, também, seu amor como ato de coragem. Seja a partir de uma prática nova, ou a partir do uso de novos dispositivos. O contexto escolar é um *espaçotempo* de invenção cotidiana e na (re)invenção da prática docente a inovação vai para além da criação tecnológica ou de usos. Ela é implicada e cria saberes e formações significativas.

Sobre as autoras:

Yasmin Viana Ribeiro de Almeida é geógrafa (UERJ), mestre em geografia pelo PPGEU/UERJ, mestranda em Educação pelo PPGECC/UERJ-FEBF, Coordenadora de Geoprocessamento da Prefeitura de Duque de Caxias e integrante do Grupo de pesquisa EduCiber. E-mail: yasminviana.geog@hotmail.com

Isabelle Pessanha Barroso é professora formada pelo Curso Técnico de formação de professores (Educação&ação), estudante de Pedagogia do 8º período (UERJ) e integrante do Grupo de pesquisa EduCiber. E-mail: isabellepb31@gmail.com

Isabela Carvalho da Silva é professora formada pelo CIEP 179 Professor Claudio Gama, no curso de formação de professores, estudante de Pedagogia do 8º período (UERJ) e integrante do Grupo de pesquisa EduCiber. E-mail: isabelacs86@gmail.com

Referências:

ALVES, N. Sobre o movimento das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Petrópolis: DP&A,

2008.FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

MACEDO, R. Implicação, autorização e standardização curricular: a formação de professores como re-existência. **Revista e-Curriculum**, 13(4), 733 - 750. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/25261> Acesso em: 24 out. 2020.

SANTOS, E. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019. E-book. ISBN: 978-85-509-0541-9. 1. Educação. 2.

UMBELINO, T. e RIOS, A. Conheça projetos educacionais criativos usados durante a pandemia. Correio Braziliense. Brasília. 07 maio 2020. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/05/07/interna_cidadesdf,852163/conheca-projetos-educacionais-criativos-usados-durante-a-pandemia.shtml Acesso em: 24 out. 2020.